



Diana Policarpo, artista visual e compositora de 34 anos. O desenho como prática chega por vias ambíguas e é contaminado pelas várias disciplinas em que trabalha

Diana Policarpo: escultura entre desenho e som

Um conto que unifica a matéria visual e sonora da obra de Diana Policarpo, a mais jovem Prémio EDP que tem uma exposição individual numa galeria do Porto. Pangolins, moedas de troca e astrónomos amadores num mundo em crise. A salvação pode chegar pela capacidade de organizar o futuro à volta do sol, porque a escultura também é luz.

Isabel Salema

Quem passear distraidamente pelo Bonfim no Porto à procura da *coolness* que o jornal britânico *The Guardian* atribuiu recentemente a esta zona da cidade, é provável que encontre a Galeria Lehmann + Silva depois de ter passado à porta da Faculdade de Belas-Artes e dobrado a esquina em direcção à rua Duque da Terceira. Por estes dias, é também mais fácil localizar a ampla montra de um prédio anónimo dos anos 70 desta jovem galeria que ajuda a identificar a freguesia do Bonfim nos roteiros feitos sobre a cidade como o novo “bairro das artes”, um concorrente do quarteirão da rua de Miguel Bombarda. Os grandes planos de vidro da montra estão cobertos por uma película cor-de-laranja que faz as vezes de um Rá contemporâneo, o deus do Sol do Antigo Egipto, revelando a primeira camada da exposição *Overlay* de Diana Policarpo, a última artista a receber o Prémio Novos Artistas Fundação EDP.

É a primeira exposição individual na Lehmann + Silva de Diana Policarpo, uma artista visual e compositora de 34 anos que até recentemente viveu e trabalhou em Londres. Depois de sermos introduzidos pelo filtro-metáfora da energia renovável, descobrimos no fundo da galeria uma escultura de parede que representa Rá de forma mais reconhecível, uma presença divina que já tínhamos encontrado noutras exposições da artista. *Gift XII (sun watch)* é uma das 13 esculturas da exposição, composta ainda por oito serigrafias, um conto, feito em colaboração com a escritora e crítica de arte Lorena Muñoz-Alonso, e uma composição sonora que está à nossa espera na cave da galeria. A maioria das esculturas estão montadas na parede e compõem um grande mural, quase um híbrido entre escultura e pintura. É como se Diana conseguisse transformar um baixo-relevo – essa forma escultórica que identificamos com a civilização africana que surgiu há milénios no

Vale do Nilo – num alto-relevo que prescinde do volume mas não deixa de tornar tridimensional a linha. A artista trabalha uma vara de ferro de seis milímetros de espessura que dobra e solda através do fogo. “O desenho parece que saltou do papel para a parede, mas é um trabalho muito duro feito na oficina, porque às vezes o ferro não cede ao desenho. Tenho que ver qual é o potencial do material e saber onde devo parar. É um material pesado apresentado com leveza, mas toda a escultura é muito física”, explica a artista, acrescentando que as peças são posteriormente lacadas. Se trabalha uma silhueta com ambição de escultura, é ao fundo da parede da galeria que cabe preencher a forma, resume. Artista visual e sonora, o desenho como prática chega por vias ambíguas e é contaminado pelas várias disciplinas em que trabalha. As normais pautas de música são normalmente substituídas por pautas gráficas nas peças feitas a partir de *samples*, da voz humana ou de gravações

recolhidas em trabalho de campo, recorrendo ao exemplo das vanguardas na história da música e de compositores como John Cage ou de Johanna M. Beyer. Essas anotações musicais visuais também podem evoluir para esculturas como vimos já na instalação *Sun and Cancer*, de 2016. “Os desenhos que faço são normalmente exercícios daquilo que poderá ser uma pauta gráfica ou estudos para objectos mais tridimensionais, para as esculturas em si. Os painéis que realizei para essa instalação de 2016, que era uma escultura vertical de chão, vieram dessa ideia de objecto 3D que partiam de pautas gráficas de Beyer. Os painéis eram feitos também em ferro e exploravam igualmente essa brincadeira de um objecto escultórico enquanto desenho. Voltei um pouco a esse processo para esta exposição.”

Antes de criar as peças de ferro na oficina para esta exposição, Diana explica que trabalhou na parede muito directamente. Depois, essa experiência de visualizar as peças num plano acabou por influenciar a forma como as esculturas foram instaladas. O painel é formado por vários dipticos e trípticos – por doze peças autónomas – que figuram objectos que já funcionaram como moedas na história da humanidade, sem ser os círculos de metal que usamos hoje no nosso quotidiano. Búzios, ânforas, enxadadas, outros símbolos mais difíceis de identificar, uma história visual, que também pode ser lida como uma escrita de hieróglifos, que vai ser descodificada (ou adensada) pelo conto de ficção científica inscrito na parede em frente, intitulado *The Living Currency*, a primeira vez que a artista usa a linguagem escrita de uma forma independente na sua obra, como nota a curadora Ana Anacléto na folha de sala da exposição. A única escultura de chão, *Gift XIII (Coin)*, representa finalmente uma moeda com a forma convencional do dinheiro actual.

“Todos os outros elementos da exposição orbitam à volta deste conto. Comecei a pensar numa história situada no futuro, daqui a 200 anos, quando todas as outras energias sem ser a solar se tiverem esgotado. Sem metais, sem energias fósseis, terminados os recursos naturais, que tipo de moeda corrente é que vai existir?”, pergunta Diana Policarpo.

A inspiração directa para criar a personagem principal do conto, uma mulher chamada Oona, veio da vida do artista radio-astrónomo amador

Thomas Ashcraft, igualmente um fabricante de moedas, algumas das quais tomam a forma de agentes infecciosos na sua obra. Este futuro distópico ficcionado cruza-se também com a história do SARS-CoV-2, o vírus da covid-19, com os pangolins a tornarem-se injustamente famosos a partir dos mercados de Wuhan e a entrarem numa nova via de extinção. Duzentos anos depois, com 66% da população humana dizimada, as escamas deste mamífero cobiçados pela medicina tradicional chinesa são a nova moeda de troca na economia mundial. Sem criar mais *spoilers*, a nossa heroína cria um santuário para pangolins no deserto do Arizona e sonha com uma solução para salvar os pangolins. “O conto é também, sem dúvida, um apelo a um futuro mais ecológico.”

Sinfonia solar

Na cave da galeria, através da composição sonora, vamos descobrir o sol como capital, como último valor, numa sequência de referências que vão de Georges Bataille a Michel Serres. A peça, *The Ultimate Capital is the Sun*, é realizada através de sonificações de material recolhido sobre o sol que disponibilizam os arquivos *online* de Thomas Ashcraft ou da agência espacial NASA, uma nova área de tratamento de dados científicos que rivaliza com a mais clássica visualização de modelos tridimensionais da astronomia. “Como não nos é permitido olhar directamente, é criado o áudio para se perceber essas variações nos eventos solares captados da Terra. É uma composição feita a partir dessas sonificações *open source* que é uma homenagem ao sol, uma energia de que precisamos todos os dias e que não se extingue. A energia solar há-de ser a última moeda de troca quando as outras alternativas acabarem.” A energia solar cósmica acaba por organizar o percurso da exposição, da montra da galeria à cave onde um banco circular para ouvirmos a sinfonia solar sublinha uma geografia que também tem a forma de uma órbita.

No final do ano, em Dezembro, Diana Policarpo tem outra exposição prevista para a cidade, desta vez na Galeria Municipal do Porto. Intitulada *Nets of Hyphae*, é a continuação da investigação em torno de um fungo parasita, o *Cordyceps*, que lhe valeu o Prémio EDP na exposição apresentada no ano passado no Museu de Arte Arquitectura e Tecnologia (MAAT), em Lisboa, uma instalação multimédia *site-specific* que incluía uma animação 3D. Este

As esculturas montadas na parede compõem um mural, um híbrido entre escultura e pintura. É como se Diana conseguisse transformar um baixo-relevo – forma escultórica que identificamos com a civilização africana que surgiu há milénios no Vale do Nilo – num alto-relevo que prescinde do volume mas não deixa de tornar tridimensional a linha

segundo capítulo de uma história também sobre contaminação e ecologia que ia ser continuada na China durante uma residência artística em Xangai vai agora sofrer algumas alterações por causa das restrições às viagens impostas pela pandemia, mas a artista está à procura de primeiros do fungo que passem por Portugal e Espanha e de parceiros científicos que podem ser o Instituto Gulbenkian de Ciência. “É um fungo que também está muito ligada à saúde das mulheres, neste caso à sua relação com a reprodução. É um fungo que contamina plantas, animais e humanos e esteve presente em várias epidemias registadas desde a época medieval até aos anos 1950.” E mais não dizemos, apenas que serviu para sintetizar o LSD, um dos mais potentes alucinógenos conhecidos.